

As cartas de apresentação do programa nacional do livro didático: uma análise discursiva

Lucas Matheus Santana Medeiros⁵¹, Márcia Regina Alves⁵², Silvane Aparecida de Freitas⁵³

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar alguns preceitos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa (ADF), tais como discurso, sujeito e identidade, os quais são de suma relevância para se analisar os textos de nossa cultura. Em especial, para analisar as representações do professor nas cartas do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), as quais acompanham os livros didáticos para apresentar os guias, que direcionam o olhar do professor, quando se tem de fazer a escolha do livro didático nas escolas. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo com base nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de orientação francesa, com o recurso da revisão bibliográfica e análise discursiva das cartas de apresentação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em especial a carta de apresentação destinada ao ensino médio no ano de 2021. Sabemos que a Análise do Discurso é uma área do conhecimento heterogênea, levando em consideração o contexto sócio histórico ideológico de elaboração dessas cartas, visa maior compreensão das formações discursivas, da heterogeneidade, do jogo de imagens e dos diversos outros que constitui o discurso das Cartas do Livro Didático, destinadas ao professor. Assim sendo, concluímos que as cartas funcionam como um dispositivo institucional que marca um discurso autoritário, que busca controlar a representação do professor, mesmo sendo uma “simples” carta de apresentação do Guia, ali mesmo já tece a “falsa autonomia” que o docente tem ao escolher um livro didático.

Palavras-chave: análise do discurso, cartas de apresentação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), professores.

The cover letters of the national textbook program: a discursive analysis

Abstract

This article aims to show some theoretical precepts of the Analysis of French line discourse (Análise do Discurso de linha francesa, ADF) for exemple speech, subject and identity, which are of a paramount relevance to analyze the texts of our culture. In special, to analyze the teacher's representations in the letters of the National Didactic Book Program (Programa Nacional do Livro

⁵¹Mestrando em educação pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul de Paranaíba (UEMS). Bolsista PIBAP-UEMS. Atua como coordenador pedagógico na rede municipal de Pontalinda-SP e como professor de língua espanhola na rede estadual de São Paulo.

⁵²Mestranda em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS/Paranaíba. Possui graduação em Letras, Português/Inglês/Espanhol. É Professora efetiva PEB I C/ PEB I B, Língua Portuguesa/ Ensino Fundamental e Médio, da Escola Estadual Tiradentes, Iturama/ MG.

⁵³Pós-Doutora em Linguística Aplicada – Unicamp/IEL, doutora em Linguística – UNESP/Assis. Docente Sênior da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS e atua no Programa de Mestrado em Educação dessa Instituição.

Didático, PNLD), which one follow the textbooks to present the guides, that direct the teacher's sight, when you have to make the choice of the didactic book in the schools. This is a qualitative research based on the theoretical assumptions of French-oriented Discourse Analysis, with the resource of bibliographic review and discursive analysis of the cover letters of the National Textbook Program (Programa Nacional do Livro Didático, PNLD), in particular the letter of presentation intended for high school in the year 2021. We know that the speech analysis it's an heterogeneous area of the knowledge, taking in account the ideological socio-historical context of elaboration of these letters, in view of greater comprehension of the discursive formations, of the heterogeneity, set of images and the several others that constitute the speech of the didactic book's letters, intended for the teacher. Therefore, we conclude that the letters work like institutional device that mark an authoritarian speech, that seeks to control the teacher's representation, even though it's a "simple" guide cover letter, right there it already weaves the "false autonomy" that the teacher has to choose a didactic book.

Key-words: discourse analysis, cover letters from the National Textbook Program (Programa Nacional do Livro Didático, PNLD), teachers.

Introdução

A teoria da Análise do Discurso (AD) surgiu no final dos anos 60, na França, como forma de abordar as questões políticas da época, por meio da linguagem e chega ao Brasil com mais efetividade, a partir dos anos 80. A preocupação dessa teoria é olhar para o texto, não para traduzi-lo quanto ao seu conteúdo, mas para analisar o porquê está sendo dito, em que circunstâncias, quando, onde e para quem foi usado uma expressão linguística e não outra. O que o analista do discurso faz é situar o conteúdo a partir da história, do social e do sujeito que enuncia.

Partindo desses princípios, temos como objetivo, neste artigo, apresentar alguns preceitos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa (ADF), tais como discurso, sujeito, identidade, interdiscurso e memória, os quais são de suma relevância para se analisar os textos de nossa cultura. Em especial, para analisar as representações do professor nas cartas do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), as quais acompanham os livros didáticos para apresentar os guias, que direcionam o olhar do professor, quando se tem de fazer a escolha do livro didático (LD) nas escolas. Temos como princípio que a Análise do Discurso é uma área do conhecimento heterogênea, levando em consideração o contexto sócio histórico ideológico de elaboração dessas cartas, visando maior compreensão das formações discursivas, dos ditos e não ditos, bem como problematizar as diversas vozes do outro, presentes nessas cartas.

Os tópicos apresentados neste trabalho giram em torno dos pressupostos da análise do discurso de linha francesa. Para isso, primeiramente, refletiremos sobre as noções de discurso; em seguida, sobre sujeito, identidade, memória e interdiscurso, por fim, trazemos o dispositivo analítico.

Desenvolvimento

O discurso e suas noções basilares

A Análise do Discurso, como seu respectivo nome preconiza, é analisar discursos. Nesta perspectiva, buscamos em Orlandi (2009) que o discurso significa palavra em movimento, prática de linguagem, como estudo do discurso, observa-se o homem falando, pois epistemologicamente a palavra discurso traz a ideia de curso, percurso, movimento. Para a autora, a análise do discurso não é uma análise de conteúdo, pois a análise de conteúdo questiona: O que este texto quer dizer? Enquanto a análise do discurso questiona: Como este texto significa? Ou seja, ela investiga os vários sentidos que um texto pode ou não pode ter, levando-se em consideração a perspectiva ideológica do leitor.

Numa perspectiva complementar, Foucault (1977) afirma que o discurso é um dos elementos de um dispositivo estratégico de relações de poder, que pode ser definido como uma série de acontecimentos (discursivos) que se relacionam. Para analisá-lo, é preciso descrever as relações e ligações entre todos esses elementos. Complementando ainda com Foucault (2020), os discursos são uma dispersão, isto é, são elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade, cabe à Análise do discurso (AD) descrever essa dispersão pelas regras de formação que embasam a formação dos discursos. Assim:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhantes sistema de dispersão, e no caso em que os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (...). (FOUCAULT, 2020, p. 47).

O discurso é dotado de ideologia e influenciado pelos aspectos sociais e históricos, para analisá-lo é preciso escavar e encontrar suas raízes. A partir de Foucault (2014), ao refletir sobre a sua aula inaugural, em que toda sociedade supõe que a produção de um discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm como função conjurar poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade, o fundamental da análise é que saber e poder se implicam mutuamente: “não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, e, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder. Todo ponto de exercício do poder é ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber”(FOUCAULT, 2022, p. 28), o que de fato, podemos refletir nas cartas do PNLD

(2020/2021), nesta materialidade “enquanto se confere ao professor o importante papel de mediador e orientador do processo de aprendizagem” (CARTA DO PNLD 2021/ ENSINO MÉDIO), alvo desta pesquisa, cujo professor é detentor de um saber, o que pressupõe que tem um poder, no entanto, pelo discurso, percebemos que esse poder é invalidado.

Refletindo sobre a questão, temos em Pêcheux (2014) o ponto de partida para discussão:

Se uma mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes – todos igualmente “evidentes” – conforme se refiram a esta ou aquela formação discursiva, é porque - vamos repetir – uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria próprio, vinculado a sua literalidade (PÊCHEUX, 2014, p. 147).

Segundo o autor, esse ponto de partida nos mostra que o sentido vai se constituindo em cada formação discursiva. Entendemos que as palavras, as expressões e as proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva para outra, e nessas mudanças de sentidos encontramos as substituições, paráfrases, sinonímias, que funcionam como elementos linguísticos significantes.

O sujeito discursivo e a análise do discurso

Para compreender a noção de sujeito, de acordo com a análise do discurso, buscamos em Orlandi (2009), a afirmação de que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. A ideologia não só faz parte, mas é condição para a constituição dos sujeitos e também dos sentidos, assim o indivíduo é levado a ser sujeito pela ideologia para que se possa produzir o dizer.

Consideramos que o sujeito é heterogêneo em sua própria constituição, sendo fragmentado, produto do poder disciplinar que Foucault (1975) denomina como tecnologias de controle. Para Coracini (2007), o sujeito carrega consigo o outro, a alteridade, assim o sujeito modifica o outro e o outro modifica o sujeito. Nessa perspectiva, o sujeito é uma construção tanto social como discursiva que está em permanente elaboração e transformação.

O sujeito não é homogêneo, mas heterogêneo, constituído pelo entrecruzamento de diversos discursos. Para Fernandes (2008), ao considerar um sujeito discursivo sobre um mesmo tema, há de se encontrar diversas vozes, as quais são provenientes de discursos variados. Para a análise do discurso, a presença das diferentes vozes no discurso de um sujeito, denomina-se polifonia (poli = muitos; fonia= vozes).

Acreditar que um discurso é totalmente novo ou que um sujeito é o único autor de um discurso, seria uma ilusão, pois o discurso é uma linguagem inserida em um contexto sócio-histórico-cultural, mesmo que aparentemente se apresente como novo, ao analisar de acordo com os princípios da análise do discurso francesa, há de se escavar e encontrar as raízes e ideologias presentes.

De acordo com Fernandes (2008, p.24), sujeito falando “(...) refere-se a um sujeito inserido em uma conjuntura sócio-histórica-ideológica, cuja voz é constituída de um conjunto de vozes sociais”. Sujeito falando condiz a sujeito discursivo. Temos também a questão da relação do sujeito, que se refere às lutas sociais e apresenta o que há em comum entre elas, concluindo que as lutas têm como objetivo atacar uma forma de poder. Para Foucault (1995), a forma de poder categoriza o indivíduo, atribui a sua individualidade e identidade, assim, é uma forma de poder que não considera os indivíduos falantes, mas os sujeitos, o homem falando, com toda sua história e conflitos.

Quando realizamos um ato discursivo, sabemos que há escapes, falhas, a língua(gem) não funciona como transporte em que tudo que pensamos é repassada a outrem na íntegra. Os atos enunciativos são diferentes do que aprendemos na teoria da comunicação como mensagem, código, emissor e receptor.

Constituição identitária e o imaginário social

Uma das coisas que o ser humano sempre busca é sua constituição identitária, uma vez que não temos uma identidade fixa, temos identidades, identificações, somos sujeitos híbridos, cindidos e multifacetados, por isso não temos uma identidade fixa, mas identidades, no plural, que estão sempre em movimento, em formação.

Segundo o grande pensador da modernidade, Bauman (2005), há uma grande dificuldade em se construir nossas identidades, porque não herdamos uma identidade, precisamos começar do zero e passar nossa vida, de fato, redefinindo-a. Porque os estilos de vida, o que consideramos bom ou ruim, mudam tantas vezes em nossa vida, o que sai de moda, o que se cria vai influenciar as identificações de cada um, por isso ela está sempre em construção. “As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. (BAUMAN, 2005, p. 19).

Como já afirmado, partimos do princípio de que a identidade do sujeito precisa ser entendida no plural, como identidades que constitui um sujeito por meio das relações discursivas, a formação das identidades se dá pelas interações com o outro, assim como não

existe discurso totalmente novo e não há como dizer que “esse discurso é totalmente meu”, não há identidade formada sem a imagem, o olhar do outro.

Segundo Woodward (2014), “a construção da identidade é tanto simbólica quanto social” (WOODWARD, 2014, p. 10), o que vale dizer que a identidade está alinhada aos símbolos e às práticas sociais. Para a autora, a identidade também é marcada pela diferença estabelecendo relações de pertencimento, igualdade, mas também de distanciamento e segregação.

É importante ainda ressaltar que o conceito de identidade está relacionado ao “circuito da cultura” e da representação, emergindo-se assim os elementos cristalizados e originais de uma sociedade ou de determinados grupos sociais. “Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar”. (WOODWARD, 2014, p. 18).

Na perspectiva teórica de Silva (2014), a identidade depende da diferença e que ambos são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva. Assim, para o autor,

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. [...] Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. (SILVA, 2014, p. 81).

Segundo o autor, a identidade e a diferença estão em conexão com as relações de poder, elas são disputadas e esta estreita relação apresenta algumas marcas de poder como a inclusão e exclusão, demarcação de fronteiras, classificação e normalização. A linguagem e a língua são elementos centrais de todo este processo de formação de identidades. Silva (2014) também menciona a representação, haja vista que, é também através da representação que a identidade e a diferença se conectam a sistemas e poder. “Quem tem poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade”. (SILVA, 2014, p. 91).

A concepção de identidade pode ser analisada, usando o exemplo exposto por Orlandi (2009), com o discurso da mãe quando diz “Isso são horas?”, para a autora o discurso foi produzido de acordo com a posição que a mulher, nessa ocasião, mãe, ocupa. Sendo assim, pode-se concluir que não é a mãe (mulher) falando, mas a sua posição que ocupa na circunstância apresentada no exemplo. Pode-se ir além, ao imaginar que essa mãe já ouviu isso enquanto filha, ou que já ouviu isso de outras mães, quando ela diz “Isso são horas”, estando na posição de mãe, isso produz sentido, identifica o lugar de mãe. Identidade frente a outras

identidades que a constitui de acordo com a sua posição, pode-se citar hipoteticamente mulher, esposa, filha, funcionária, cliente, dentre muitas outras.

Segundo Brandão (2004), a identidade do sujeito é construída na interação com o outro, é por meio das interações que se constrói a identidade. Para Coracini (2007), a identidade dos sujeitos é formada por meio do imaginário social, construindo autoimagens de si e dos outros. Para a autora, a construção da identidade é a partir dos julgamentos, descrições de si e do outro. A autora busca, nos preceitos Foucaultianos, o fato de que o sujeito é social, cindido, complexo, heterogêneo e descentrado, ou seja, constituído pelo outro.

Interpretação, ficção, imagens que constituem o imaginário do sujeito – como ele se vê e acredita ser visto -, construindo, assim, a sua identidade, ou melhor, os momentos de identificação que permitem a ilusão da permanência de uma certa identidade. (CORACINI, 2007, p. 23).

É importante ressaltar que a produção discursiva funciona de acordo com alguns fatores, sendo eles as relações de sentidos, a antecipação e as relações de força, todos esses fatores repousam no que é denominado de formações imaginárias. As relações de sentidos podem ser entendidas como as relações dos discursos, nessa perspectiva, nenhum discurso fica sem se relacionar com outros, não há então como se identificar o começo absoluto, nem o ponto final para o discurso. Nas palavras da autora “Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis” (ORLANDI, 2009, p. 39). Para Foucault:

Tendo como efeito a constituição de uma identidade. Pois minha hipótese é de que o indivíduo não é o dado sobre o qual se exerce e se abate o poder. O indivíduo, com suas características, sua identidade, fixado a si mesmo, é o produto de uma relação de poder que se exerce sobre corpos, multiplicidade, movimentos, desejos, forças. (FOUCAULT, 1979, p. 92)

Assim, dependendo desses movimentos de identificações, o sujeito que está sempre em constituição, passa a fazer parte de uma formação discursiva, que também é heterogênea com suas tensões e complexidades. Portanto, no que tange à formação discursiva, em Pêcheux, temos que ela é definida como “Aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc”. (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Resultados e discussão

Dispositivo analítico

Escolher o livro didático não é uma tarefa fácil. Sabemos que o livro didático é um elo importante na corrente do discurso da competência, “é lugar do saber definido, pronto, acabado, correto e dessa forma, fonte última (e às vezes, única) de referência”. (SOUZA, 1999, p. 27). Os professores devem se debruçar numa análise mais aprofundada e tentar diminuir a distância entre o aluno e o conteúdo do livro escolhido, buscando atender às necessidades da comunidade.

Para isso, os docentes contam com o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), criado em 1985. É um programa do Governo Federal e tem como objetivo distribuir livros gratuitamente às escolas da rede pública de ensino básico. O programa do livro avalia as obras e as envia para as escolas para que seus professores possam “escolher”. É disponibilizado, junto às obras, um guia, denominado Guia do PNLD – um documento oficial para orientar a escolha dos livros pelas escolas. Nesse guia, consta uma carta de apresentação, que acompanha as obras do ensino fundamental e uma carta que acompanha as obras do ensino médio, dirigida aos professores, e é sobre os enunciados destas cartas que nos propusemos analisar e ao mesmo tempo problematizar como o professor é representado nelas.

Este subitem propõe-se a reflexão de um recorte das cartas de apresentação dos livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que podem ser encontradas de forma on-line no site do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação/ Ministério da Educação – MEC). No intuito de melhor historicizar e escavar os fatos e as materialidades discursivas presentes nos discursos históricos e sociais, como no caso da Dissertação de Mestrado “A representação do professor nas cartas de apresentação no Guia do PNLD”, das cartas dirigidas ao professor, em andamento, desenvolvida no Programa de Pós Graduação do Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), da Unidade de Paranaíba-MS.

Neste sentido, “O caráter de autoridade do livro didático encontra sua legitimidade na crença de que ele é depositário de um saber decifrado, pois supõe-se que o livro didático contenha uma verdade sacramentada a ser transmitida e compartilhada”. (SOUZA, 1999, p. 27). O que já sabemos, segundo a autora, é que a verdade já é dada ao professor, legitimado e institucionalmente autorizado a manejar o livro didático, deve apenas reproduzir, cabendo ao aluno assimilá-la.

Trazemos o recorte discursivo que faz parte da carta de apresentação do Guia do PNLD do ensino médio 2021:

É responsabilidade sua, agora, escolher as obras que são mais apropriadas para sua prática pedagógica, a realidade de sua escola e a da comunidade em que a escola está inserida. Sua escolha deve ser feita com cuidado, para que, em suas mãos essas obras produzam aprendizagens significativas, que promovam a educação integral de seus estudantes, considerando as competências e habilidades previstas para o Ensino Médio (PNLD, 2021)

Podemos observar diante da materialidade linguística do excerto que se trata de uma formação discursiva educacional, perante as palavras “prática pedagógica”, “escola”, “aprendizagens”, “educação integral”, “estudantes”, “competências”, “habilidades” e “Ensino Médio”, sendo que “uma formação discursiva caracteriza-se pela existência de um conjunto semelhante de objetos e enunciados que os descrevem, pela possibilidade de explicitar como cada objeto do discurso tem, nela, o seu lugar e sua regra de aparição”. (FERNANDES, 2021, p. 42).

Por meio do discurso pedagógico, “definido como um discurso circular, isto é, um dizer institucionalizado, sobre as coisas, que se garante, garantindo a instituição em que se origina e para a qual tende: a escola” (ORLANDI, 2003, p. 28), e de um gesto interpretativo, observamos as marcas linguísticas de responsabilidade e de ordem delegadas ao professor, que emergem na escrita. Sob o gênero carta, o enunciador, no caso o Governo Federal, dirige-se ao destinatário, no caso, o Professor, com o uso do substantivo feminino “responsabilidade”, cujo significado é de condição de causador de algo, que tem culpa, que tem obrigação e dever, segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2010). Juntamente com o pronome possessivo “sua”, mostrando que pertence a alguém ou a algo que se fala, para promover um efeito de sentido de que a responsabilidade da escolha do livro didático é do professor.

O enunciador constrói seu dizer com vistas a delinear ao leitor que se a sua escolha for bem sucedida ou mal sucedida, a responsabilidade é somente “sua”, e este pronome se repete várias vezes, e quando acontece esta repetição, é porque se quer enfatizar alguma ideia, dar luz a uma ideia que se queira reforçar, e o enunciador quer deixar claro, a responsabilidade do professor. O que nos remete às ideias cristalizadas que circulam na sociedade, de que tudo que não dá certo na instituição escolar é culpa do docente. Embora esse material traga em seu bojo a ideia de carta contendo orientações, informações e conselhos sobre como prosseguir a escolha do livro didático, emergem no discurso marcas de representações sobre o professor ligadas a estereótipos e preconceitos.

Nessa compreensão, é importante ressaltar que esse remetente traz uma falsa “liberdade” ao docente quando diz “escolher as obras que são mais apropriadas para sua prática pedagógica, a realidade de sua escola e a da comunidade em que a escola está inserida”, contribuindo para a divulgação de estereótipos e ideias cristalizadas pela sociedade, uma vez que não são todos os professores que participam dessa escolha e nem sempre vem as obras escolhidas pelos docentes.

É possível notar no próximo enunciado “deve ser feita com cuidado”, a presença do discurso pedagógico autoritário trazido por Orlandi (2003), deixa claro o modo imperativo de se dirigir ao professor. O modo imperativo, para nós estudiosos da língua, sabemos que se trata de um modo que expressa uma ordem, acentuando, assim, o caráter autoritário do discurso pedagógico, que segundo a autora, “ele se apresenta atualmente como um discurso autoritário” (ORLANDI, 2003, p. 15).

Seguindo os rastros da complexidade da linguagem, poderemos alcançar pistas que serão usadas para chegar até a produção de sentidos dos discursos produzidos, mostrando parte da história, do sujeito e da ideologia, pois a linguagem vai além do que está dito e da realidade encontrada, há sempre um não dito no já dito. Quando o enunciador diz “deve ser feita com cuidado”, ele está silenciando outro dizer como se o trabalho do professor não fosse feito com cuidado e atenção. Segundo Orlandi (2009, p. 82), “consideramos que há sempre no dizer um não-dizer necessário”.

Voltamos o nosso olhar para o professor que, desde muito tempo, desempenha um papel importante na sociedade, mas foi-se o tempo em que ele era prestigiado. Hoje, porém continua desempenhando suas atividades na educação, contudo, sem nenhuma autonomia ou quando ainda tem, lhe é mínima, é “vigiada e até punida” no sentido Foucaultiano. A sua identidade está desestabilizada, segundo Hall (2014), assim como a linguagem, a identidade está sempre escapando. Tudo lhe é imposto e com um discurso de ordem. O docente tornou-se alvo da sociedade, circula no ideário social uma representação da profissão docente que se pode considerar utópica, num discurso totalmente sem prestígio.

Sobre isso, buscamos respaldo nas pesquisas de Coracini (2015, p. 139), essas imagens significam “[...] que as regularidades discursivas, que camuflam a heterogeneidade do discurso, orientam os comportamentos, atitudes, linguagem, pensamento, relacionamentos num dado momento histórico-social”, porque já não tem autonomia para tomar as decisões ou expor seu ponto de vista sobre determinados assuntos do âmbito escolar.

Mediante o exposto, reafirmamos este artigo faz parte da Dissertação de Mestrado “A representação do professor nas cartas de apresentação no Guia do PNLD”, em andamento, o

fragmento trazido para análise é uma leitura inicial dos dados da pesquisa citada. Salientamos que esta é uma das leituras possíveis que, certamente, poderá ter outras leituras, conforme a formação identitária e ideológica de cada leitor, bem como o lugar social de cada um.

Considerações finais

Diante das considerações tecidas neste trabalho em relação ao processo de representação do professor, da hipótese empreendida de que a representação do docente se dá com uma participação coerciva e um agenciamento em suas ações por parte do governo, em lugar de valorizá-lo perante uma sociedade hegemônica, que acaba contribuindo para a desvalorização do profissional da educação, de forma preconceituosa e excludente, e dos objetivos traçados, o processo analítico da materialidade das cartas possibilitou delinear alguns efeitos de sentido de cristalização de ideias e estereótipos negativos, embora seja visível em toda a sociedade a desvalorização desse profissional, apresentam uma representação de autoritarismo e coerção em suas atividades.

Articulando as teorias estudadas, pudemos observar como vem sendo construída a identidade do professor ocorrida no discurso pedagógico mediante a materialidade das cartas. Em busca da compreensão do funcionamento discursivo deste arquivo, levamos em consideração aspectos linguísticos e sociais para atingirmos a discursividade. O gesto analítico nos possibilitou observar criticamente o processo de constituição do sujeito docente, bem como os movimentos das relações de saber e poder institucionais sobre a autonomia dos professores, embora ter trazido apenas um trecho do trabalho que ainda está em andamento.

Diante disso, pudemos problematizar que a imagem do docente inscrita no material deixa escapar, intradiscursivamente, a desvalorização do profissional da educação por parte da sociedade. Por meio das análises mobilizadas, vimos que a representação do professor, trazidas nas cartas que acompanham os Guias ainda ecoa, interdiscursivamente, a representação escamoteada do docente pelo próprio governo, produzindo uma identidade marcada pelo autoritarismo, que, entretanto, parece nos confundir, pois constrói-se a subjetividade e autonomia apenas como uma cortina, ou pano de fundo, para tecer entre as palavras a nossa marginalização.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2º ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **Discurso e ensino**. 3.ed. –Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

CORACINI, M.J. R. F. **A celebração do outro**. Arquivo, memória e identidade. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

CORACINI, Maria José. **Representações de professor entre o passado e o presente**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.23, n.1, p.132-161, jan./jun.2015.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008/2021.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini dicionário da língua portuguesa**. Coordenação Marina Baird Ferreira. – 8. ed. rev. atual. – Curitiba: Positivo, 2010.

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da educação/ Ministério da Educação. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/escolha-pnld-2021-projetos>>Acesso em: 15 nov. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Michel Foucault: Estratégia, Poder-saber**. Ditos e Escritos. Vol. IV. Rio de Janeiro: Forense, 1977.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008/2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 24. Ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4ª edição, 3ª reimpressão - Campinas, SP: Pontes, 2003.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2009/2020.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi (et al.). 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995/2014.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni P. Orlandi – 5ª Edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Deusa Maria de. Autoridade, Autoria e Livro Didático. In: **Interpretação, Autoria e Legitimação do livro Didático: língua materna e língua estrangeira**. Org. Maria José Coracini. – 1ª ed. – Campinas, SP: Pontes, 1999.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15.Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.